

## AS PEDRINHAS DE JEOVÁ

Fato trágico, porém engraçado, aconteceu com o Eliseu da Paz, sua família e sua casa, na passagem do ano 2.000 para 2.001. O início de tudo foi em 1996 quando ele leu um artigo de jornal intitulado “*Medida do Tempo*” e levou muito a sério as informações do texto, pois o autor falava de detalhes curiosíssimos da cosmografia: o *Ano Juliano*, o *Ano da Confusão*, a *Reforma Gregoriana*, o *Ano Vago*, os *Equinócios*, o *Concílio de Nicéia*, e as mexidas que o Papa mandava fazer nos calendários para ajustar as coincidências siderais. Depois, o Eliseu andou lendo outras reportagens científicas sobre o lançamento do telescópio orbital Hubble e ficou mais apavorado, porém sem deixar que as pessoas entrissem suas preocupações. Disfarçou bem. A terrível notícia sobre o bombardeio de neutrinos apareceu logo em seguida, o que lhe tirou o sono durante várias semanas.

— Você já pensou? — Interrogava ele — Você sai de casa para passear, ou para ir às compras, ao verdureiro ou ao padeiro e recebe um neutrino na testa, como se fosse uma bodocada vinda do além?

A gota d’água aconteceu no Natal de 1999. O Eliseu conversava com o seu compadre Benedito, na porta do antigo INPS, e ouviu do amigo uma observação muito interessante:

— *O povo é muito ignorante e acha que na passagem do ano acontece alguma coisa especial. Na verdade não acontece nada, apenas trocam-se as datas.* — E arrematou: — *Se ao menos a terra desse uma paradinha, um tremelique que fosse, só para avisar que um ano estava acabando e outro começando, valeria a pena ficar acordado à meia-*

*noite, mas nem isso acontece.*

O Eliseu sabia que o Benedito estava brincando; mas estaria o amigo por dentro das notícias recentes sobre o Hubble, sobre os encontros de galáxias (Andrômeda x Via Láctea) e o bombardeio de neutrinos? Não estaria ele intuindo alguma coisa que poderia acontecer no *reveillon* e exprimindo-se às avessas? Afinal não era um qualquer *reveillon*, era o *reveillon* da passagem secular e milenar. Além disso, ainda pairava a ameaça de que *2.000 não chegará*. E se a Terra desse um baquezinho, como a locomotiva da Rede Mineira quando esmigalhava as pedrinhas que eram colocadas na linha, às escondidas do guarda-chaves? Quer dizer, as pedrinhas viravam pó finíssimo embaixo daquelas poderosas rodas de aço, mas diziam os entendidos que uma simples pedrinha poderia descarrilar a máquina e, de fato, o maquinista experiente sentia que havia alguma coisa no trilho e, da sua cabine, mandava importantes e fenomenais palavrões. E se no trilho da eternidade por onde viaja esta Terra imensa, Jeová, o Padre Eterno, tivesse colocado algumas pedrinhas, apenas para assinalar a passagem do tempo?

No último dia do ano, o Eliseu teve que apelar para sua autoridade de cabeça do casal, hoje, uma figura jurídica ultrapassada nas relações matrimoniais, mas foi a única coisa que lhe sobrara para impor o seu projeto, ou seja, enquanto todos se preparavam para as festas, ele passou o dia inteiro, ajudado pela família, apeando as cadeiras, amarrando as mesas, embalando as louças em jornais, aparas de serra e isopor. Arranjou uns caibros de eucalipto e escorou o muro do quintal que, havia muito tempo, estava trincado.

— Estou garantido, se quando der meia-noite e a Terra der sua paradinha, baque, sei-lá-mais-o-quê, pelo menos minhas coisas não se quebrarão por falta de previsão. Não se queixe quem não se cuidar.

À noite, Eliseu estava assistindo ao tradicional retrospecto da televisão e, quando os ponteiros do relógio aproximavam-se das 24 horas do dia 31 de dezembro de 1999, o locutor anunciou:

— Atenção telespectadores para a contagem regressiva, diretamente da praia de Copacabana: 9, 8, 7, 6, 5, 4, 3, 2, 1, zero! Estamos no ano 2.000! etc. e tal...

E como dissera o compadre Benedito, nada aconteceu. Chegou o ano 2.000, e nem mesmo nos lugares em que normalmente há uns tremores, como a região situada em cima da Falha de Santo André, no México, nos Andes, na Itália ou no Japão, registrou-se alguma anormalidade; pelo contrário, os sismógrafos nunca traçaram uma linha tão reta. Eliseu foi acometido de uma crise de descrença total, começou a duvidar das notícias científicas, das profecias de natureza religiosa e das credices populares.

Não passou muito tempo, leu algumas matérias sobre discussões acaloradas sobre quando haveria de iniciar o Século XXI. Enfim, o chamado *Terceiro Milênio* começou em 2.000 ou em 2.001? É verdade que no *reveillon* passado, quando estava preparado com suas escoras, peias e amarras, havia gente comemorando o início do Século XXI, enquanto outros comemoravam o início do derradeiro ano Século XX. Eliseu não deu muita importância àquelas discussões. Na sua descrença estava certo de que não há pedrinhas nos trilhos da eternidade.

No *reveillon* do ano 2.000 para 2.001, Eliseu

estava, como de costume, assistindo ao retrospecto da televisão, o que não era muito diferente do ano passado, apenas trocaram-se alguns artistas, mas os cenários permaneciam inalterados: quedas das bolsas; engarrafamentos na Marginal Pinheiros, quilômetros de engarrafamento, dezenas de casas ficaram inundadas; seqüestros seguidos de mortes; maior apreensão de cocaína; legislativo é acusado de retardar as reformas, falcaturas no executivo; lentidão no judiciário; novos golpes lesam Tesouro Nacional; Sem-Terras invadem fazenda e polícia entra em confronto na reintegração de posse; governo aumenta os juros para conter o crédito; funcionários públicos não tiveram aumento; trabalhadores concordam com a redução de salários para não perder emprego; montadora de veículos quer ressuscitar a figura do servo da gleba; ACM dá total apoio ao novo presidente; Papa demonstra sinais de cansaço; ah! judeus e palestinos explodem bombas... Foi quando o locutor anunciou:

— Atenção telespectadores para a contagem regressiva, diretamente da praia de Copacabana: 9, 8, 7, 6, 5, 4, 3, 2, 1...

Eliseu lembrou-se de que, no ano anterior, ele estava todo amarrado e escorado e esboçou um sorriso de deboche da grotesca situação, quando o locutor disse: *zero! Estamos no ano 2.001*, Eliseu sentiu um galeio, rápido, como devia sentir o maquinista da Rede Mineira de Viação quando passava em cima das pedrinhas colocadas em cima dos trilhos. No quintal, um barulhão enorme, era o muro trincado que tinha caído; nos armários, as louças chacoalharam e quebraram-se muitas xícaras e pratos de louça fina; na sala, as cadeiras foram arrastadas e a televisão só não

caiu porque, por displicência, tinha permanecido amarrada desde o *reveillon* anterior.

Depois desses acontecimentos, Eliseu dedicou-se ao estudo histórico de relatos ocorridos em viradas de milênios. Quer descobrir se outras pessoas mencionaram o galeio ou baque semelhantes ao que ele sentiu. Está ajuntando a bibliografia e pretende escrever um tratado sobre o assunto.

Se o leitor souber de alguma literatura pertinente (em qualquer língua), queira informar à redação da *Gazeta de Bonsucesso*.

Se o leitor tiver o relato e quiser enviá-lo à redação do jornal, receberá, em troca, uma assinatura anual, paga por Eliseu da Paz.

Endereço: Gazeta de Bonsucesso  
Rua Capitão Maromba, 51  
(Em frente ao Bar do Deodato)  
Bonsucesso - MG – *Brazil*  
CEP 35550-000

\*\*\*

10.12.1997

Publicado na Tribuna Sanjoanense - 23.12.1997